

SÉRIE ALTERJOR – VOLUME 2

A CIÊNCIA DO JORNALISMO (& MUITO MAIS)

Luciano Victor Barros Maluly

Daniel Azevedo Muñoz

Carla de Oliveira Tôzo

Felipe Parra de Oliveira

(Organizadores)

ECA-USP - 2023

Jornalismo no Brasil: Existe uma esfera pública brasileira?⁷⁴

Dennis de Oliveira⁷⁵

Introdução

O jornalismo é filho direto dos arranjos institucionais da democracia liberal. Sua história se confunde com as transformações institucionais protagonizadas pela burguesia ascendente no século XVIII e se confunde com o próprio espírito do capitalismo nas suas fases iniciais. Não é à toa que a prática do jornalismo está no mesmo diapasão que ideias como liberdade, cidadania, interesse público, democracia. E também não é à toa que todas as tentativas de instauração de sistemas autoritários sempre têm no controle do jornalismo uma das suas principais medidas.

Ciro Marcondes Filho fala que a aventura do jornalismo se confunde com a “aventura da modernidade”, o espírito empreendedor burguês se relaciona diretamente com a busca pela veracidade da informação⁷⁶. A ideia de aventura também está implícita na definição do jornalista Clovis Rossi que considera que o jornalismo é uma apaixonante batalha para conquistar corações e mentes⁷⁷. Ou ainda no fato de alguns super-heróis, coincidentemente, também serem jornalistas – Super Homem (o repórter Clark Kent), Homem Aranha (o fotojornalista Peter Packer) e Tintim.

Jurgen Habermas, nos seus escritos sobre a formação da esfera pública burguesa, dá destaque ao papel do jornalismo⁷⁸. A esfera pública é justamente esta dimensão social em que se articula e realiza o contrato social, base da normatividade da sociedade moderna. Nos seus primórdios, a esfera pública era formada por um circuito restrito de clubes e cafés onde setores da elite se encontravam e conversavam, gerando esta ambiência de debate público. Na obra de Julio Verne, *A volta ao mundo em oitenta dias*, a trama, que se passa nos anos 1870, se inicia em um ambiente típico deste

⁷⁴ Este texto é um extrato com algumas modificações do capítulo inicial da obra de minha autoria *Iniciação aos Estudos de Jornalismo* (S. Paulo: Abya Yala, 2020).

⁷⁵ Professor associado do curso de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da USP. Doutor em Ciências da Comunicação, jornalista e pesquisador do IEA (Instituto de Estudos Avançados) da USP. Coordenador do CELACC (Centro de Estudos Latino Americanos sobre Cultura e Comunicação). E-mail: dennisol@usp.br.

⁷⁶ MARCONDES FILHO, C. *A saga dos cães perdidos*. S. Paulo: Hacker, 2001.

⁷⁷ ROSSI, C. *O que é jornalismo*. S. Paulo: Brasiliense, 1980.

⁷⁸ HABERMAS, J. *A mudança estrutural da esfera pública*. S. Paulo: Editora Unesp, 2014.

circuito: um cavalheiro inglês chamado Philleas Fogg tem uma rotina rigidamente metódica – toma café da manhã, se barbeia e vai até a um clube de aristocratas, o *Reform Club*, onde joga cartas, lê os jornais do dia e os comenta com os outros membros até a hora do almoço. E em um destes dias, quando se comenta o roubo de um banco, o sr. Fogg opina que os ladrões poderiam estar em qualquer lugar do mundo pois era possível com a tecnologia da época dar a volta ao mundo em 80 dias. E diante da oposição dos demais, aposta que poderia fazer isto e daí começa a trama.

Habermas destaca esta perspectiva de participação no debate, a ruptura com uma ideia de ser humano submisso a uma ordem mítica como o elemento central da formação da esfera pública burguesa. Com isto, o pensador alemão articula esfera pública a *esclarecimento*, conectando a constituição desta ambiência de realização do contrato social nos termos definidos por Rousseau a emergência da racionalidade⁷⁹.

De fato, se observamos os principais escritos de Rousseau, há uma ênfase e considerar que a razão deve ser o elemento norteador do debate público e o que possibilitaria uma transcendência dos interesses particulares para o interesse público. Por isto, quando se pensa em esfera pública no seu sentido clássico, automaticamente se pensa nesta dimensão racional-esclarecedora.

Habermas, ao definir esfera pública, a distingue de duas outras instâncias: a esfera *privada* (do ramo da produção e dos negócios, da realização da reprodução do capital) e a *íntima* (universo particular da vida pessoal e familiar).

Esfera pública e privada: inter-relações

A grande questão que se apresenta é quanto as relações existentes entre as dinâmicas da esfera comercial-privada, natural do modo de produção do capitalismo, e a esfera pública-política. Habermas vai falar, posteriormente, que a esfera pública é colonizada pelo jornalismo que, por sua vez, é capturado pela lógica comercial da indústria cultural. De fato, o jornalismo passa da sua primeira fase, de ser um libelo em defesa da democracia e dos valores dos direitos civis para se transformar em uma atividade comercial. E justamente por isto que Habermas vai falar de uma “mudança estrutural da esfera pública”, o gerenciamento do debate público pelas corporações comerciais que controlam a atividade jornalística. Este trânsito entre o

⁷⁹ ROUSSEAU, J J. *Do contrato social*. S. Paulo: Martin Claret, 2013.

privado/comercial e público/político vai estar presente em boa parte das discussões sobre o papel do jornalismo.

Isto porque, como atividade comercial, o jornalismo necessita criar estruturas de sustentação. E no capitalismo, isto passa pela sua inserção na lógica de mercado. E para tanto, incorporar nas suas lógicas produtivas as mesmas do capitalismo industrial. É justamente esta transição de uma atividade manufatureira para uma atividade industrial que vai operar a grande transformação do jornalismo.

Quando se pensa na visão romântica e idílica do jornalista – próximo ao arquétipo do super-herói e presente em vários filmes que tem jornalistas como protagonistas – o arquétipo do artesão está implícito. Em geral, os jornalistas-super-heróis são pessoas solitárias, fazem tudo sozinhos, desprezam os artefatos tecnológicos e confiam fortemente na sua intuição e talento. Abandonam qualquer interesse econômico privado e colocam em segundo plano a sua vida íntima. A sua atitude aventureira, inclusive, o faz “sacrificar” interesses pessoais (tanto na perspectiva econômica como da vida íntima) em prol da defesa do esclarecimento da esfera pública.

As imagens das suas mesas ou da sua moradia que remetem a algo extremamente desorganizado sinalizam para um contraponto a uma organicidade racional burocrática do modo de produção do capitalismo industrial. Até mesmo o descompromisso com eventuais ganhos financeiros e a preocupação maior que o resultado do seu trabalho tenha a sua marca – como se fosse uma “aura” da obra de arte *antes* da era da sua reprodutibilidade técnica⁸⁰.

De fato, o capitalismo industrial em todas as atividades impôs uma nova forma de organização racional-burocrática possibilitando um aumento da *produtividade* e, com isto, uma maior e mais rápida reprodução do capital. À medida que o capital vai sendo invertido também nas atividades jornalísticas, a tendência foi que o jornalismo passasse a ser organizado também nesta lógica industrial.

Para Habermas, este processo implicou em uma mudança estrutural na esfera pública. Para outros autores, como Walter Lippmann, o jornalista não tem consciência do seu papel de ser um especialista que pode organizar os atalhos cognitivos necessários

⁸⁰ Aqui faço uma referência ao texto clássico de Walter Benjamin, “A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica” (S. Paulo: LPM Editores, 2018). Neste texto, Benjamin afirma que a unicidade e originalidade da obra de arte perdem sua dimensão de sacralidade à medida que ela é reproduzível tecnicamente. Benjamin trata, especificamente, de expressões artísticas que, *per si*, se expressam pela sua reprodutibilidade, como a fotografia e, mais tarde, o cinema.

para o sujeito moderno compreender a complexidade dos fenômenos sem sofrer crises de ansiedade⁸¹.

Entretanto, as relações entre a esfera pública-política e esfera privada-comercial não são tão estanques assim.

Se retornarmos ao tempo e ver a experiência do Ágora da antiga Atenas, tida como muitos como uma das primeiras experiências de democracia e de esfera pública, pois neste local os cidadãos exerciam sua voz, se encontravam e debatiam assuntos de interesse público – daí nasce a ideia de *polis* e *política*, isto é, agir na polis, na esfera pública – este espaço era também o *mercado*. Era o local que nas urbes da Grécia antiga, se localizavam os banhos públicos e os locais onde eram comercializados objetos. O encontro de cidadãos era motivado pelo espaço onde havia uma *comercialização*.

O mesmo ocorre na formação das esferas públicas burguesas e o próprio surgimento das primeiras folhas impressas. John Thompson⁸² fala que as reuniões nos burgos eram motivadas pela chegada de mercadores, reunindo pessoas que se encontravam por um motivo *comercial* e, assim, poderiam conversar e discutir. E as primeiras folhas impressas eram distribuídas com o objetivo também de anunciar a chegada de mercadores.

O que queremos mostrar é que a coletividade que se forma é justamente motivada pelo comércio, não havendo assim, a princípio, uma perspectiva antitética entre o público-político e o privado-comercial. O que motiva o encontro é o privado-comercial. Pelo menos nesta experiência do capitalismo.

Esfera pública brasileira: complexidades

No Brasil, país que por conta do formato da colonização, só conheceu a imprensa no século XIX, a experiência foi semelhante. Somente com a transferência da capital da metrópole para o Rio de Janeiro que possibilitou uma intensificação da vida urbana, do comércio e outras atividades de serviço que o jornalismo nasceu. Primeiramente, nasce já de forma censurada, com a criação em julho de 1808, do

⁸¹ LIPPMANN, W. *Opinião pública*. Petrópolis: Vozes, 2008. Neste texto, Lippmann considera que o ser humano moderno atua na esfera pública a partir da *percepção da realidade* que deve ser construída por uma classe de especialistas que apresenta atalhos cognitivos.

⁸² THOMPSON, J. *Mídia e modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1998.

Correio Braziliense, de Hipólito da Costa, jornal que defendia a independência do Brasil e, por conta disto, era produzido em Londres e chegava clandestinamente ao Brasil. O *Correio* foi financiado por ingleses desejosos da independência do Brasil por motivos econômicos e sua chegada ao Brasil era possibilitada também pela abertura dos portos (e do comércio) da então colônia aos mercadores ingleses.

No mesmo ano, em setembro, é fundada a *Gazeta do Rio de Janeiro*, pela Coroa Portuguesa aqui instalada que se constitui em um verdadeiro jornal chapa-branca. Entretanto, nota-se que a iniciativa de se publicar um periódico se deve a mudança das relações políticas no país com a chegada da Corte e a necessidade de se estabelecer uma ambiência de relações políticas e comerciais, tanto é que mais tarde é fundado o Banco do Brasil.

Estes exemplos históricos servem para demonstrar que a dinamização das relações comerciais é condição necessária para a constituição desta ambiência da esfera pública. E aqui entramos na discussão de um outro elemento, o *cidadão*.

Marx fala no texto *A questão judaica* que o ser humano para se transformar em cidadão necessita despir-se das suas condições particulares (como, por exemplo, a sua condição de classe) para dissolver-se na universalidade da cidadania⁸³. O *cidadão* é uma tipologia de sujeito que se coloca dentro de um grau “zero” de pertencimento social, se conformando única e exclusivamente dentro da ambiência do contrato social. Como este arranjo institucional é construído dentro dos projetos de Estado-Nação, o cidadão tem um único pertencimento, o nacional. Por isto, sua ação como cidadão é participar dentro de uma esfera pública *nacional*, submeter-se às regras estabelecidas dentro deste espaço-Nação e ser reconhecido como membro dele.

E é justamente por esta razão que o arranjo institucional da democracia liberal é extremamente complexo e, em determinada medida, inconcluso na América Latina – porque, justamente, somente no século XIX, as nações deste continente se tornaram independentes politicamente, embora permanecessem ainda subordinadas dentro do circuito global do capitalismo.

Mais: conforme afirmamos anteriormente, os espaços de encontro social que geram a ambiência da esfera pública ocorrem, no capitalismo, a partir da dinâmica comercial. Sociedades estratificadas, que já nascem dentro de uma subordinação

⁸³ MARX, K. *Sobre a questão judaica*. S. Paulo: Boitempo, 2010.

internacional e com mercados consumidores internos extremamente restritos tendem a ter esferas públicas incipientes, conceitos de cidadania restritos e democracias frequentemente interrompidas.

No caso específico do Brasil, país que viveu mais de 2/3 da sua história sob o regime de trabalho escravo, a transição do escravismo para o capitalismo dependente que ocorreu entre 1850 e 1888 possibilitou a implantação de uma modernização conservadora à medida que os protagonistas da sociedade escravista eram os mesmos que lideraram as transformações capitalistas⁸⁴. Por isto, constituiu-se no Brasil, um Estado que direciona as suas ações para a concentração da renda e patrimônio, manutenção de uma concepção restrita de cidadania e que tem na violência sistêmica a sua prática central⁸⁵.

Por isto que, no Brasil, a fase da ilustração do jornalismo foi rapidamente transfigurada para a etapa industrial, mas com o controle de certas “oligarquias” que instrumentalizavam a atividade do jornalismo como forma de negociação junto aos poderes constituídos. O que se chama de esfera pública (ou mesmo sociedade civil) no Brasil é algo quase que fictício, tendo em vista a captura da atividade jornalística por um circuito de controladores dos bens econômicos que pressionam o Estado para os seus interesses. Assim, por aqui, os procedimentos de produção industrial que deslocam o jornalismo de uma perspectiva do esclarecimento para um negócio comercial, serviram para potencializar os poderes oligárquicos de determinados grupos. Grande parte das empresas jornalísticas são deficitárias, não se constituem dentro dos parâmetros de uma indústria cultural e são iniciativas de pessoas ou grupos que buscam benesses do poder⁸⁶. É por isto que o professor José Marques de Melo afirma, em sua obra clássica *Jornalismo Opinativo*⁸⁷, que os editoriais (colunas nas quais o órgão de imprensa expressa sua opinião institucional) se dirige muito mais ao Estado que à sociedade. Segundo o professor, isto ocorre por conta das debilidades da sociedade civil brasileira. Não se busca persuadir ou construir hegemonias no âmbito da sociedade civil, mas sim pressionar determinados setores para os negócios particulares. No fim, as

⁸⁴ Ver MOURA, C. *Dialética radical do Brasil negro*. S. Paulo: Anita Garibaldi, 2014.

⁸⁵ Ver OLIVEIRA, D. *A luta contra o racismo no Brasil*. S. Paulo: Fórum, 2017, especialmente o cap. 1 – A luta contra o racismo é uma luta anticapitalista.

⁸⁶ A respeito do caráter deficitário do negócio do jornalismo no Brasil, ver a tese de livre-docência de BORIN, J *Imprensa: empresas e negócios*. S. Paulo: ECA/USP, 1992.

⁸⁷ MELO, J. M. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1994.

notícias são apenas pretextos escritos nos versos dos recados indiretos enviados de poderosos a outros poderosos.

De qualquer forma, fica esta questão originária que mostra o caráter ambivalente do jornalismo – uma atividade que nasce de um arranjo institucional motivado pelo dinamismo comercial, mas que se apresenta com o objetivo de fomentar o debate público e que, com o desenrolar do capitalismo, passa a ser produzido dentro das lógicas produtivas industriais.

Referências

- BENJAMIN, W. **A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica**. S. Paulo: LPM Editores, 2018.
- BORIN, J **Imprensa: empresas e negócios**. S. Paulo: ECA/USP, 1992.
- HABERMAS, J. **A mudança estrutural da esfera pública**. S. Paulo: Editora Unesp, 2014.
- LIPPMANN, W. **Opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- MARCONDES FILHO, C. **A saga dos cães perdidos**. S. Paulo: Hacker, 2001.
- MARX. K. **Sobre a questão judaica**. S. Paulo: Boitempo, 2010.
- MELO, J. M . **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MOURA, C. **Dialética radical do Brasil negro**. S. Paulo: Anita Garibaldi, 2014.
- OLIVEIRA, D. **A luta contra o racismo no Brasil**. S. Paulo: Fórum, 2017.
- ROUSSEAU, J J. **Do contrato social**. S. Paulo: Martin Claret, 2013.
- ROSSI, C. **O que é jornalismo**. S. Paulo: Brasiliense, 1980 .
- THOMPSON, J. **Mídia e modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1998.